

Pto
D.
Rua
P C

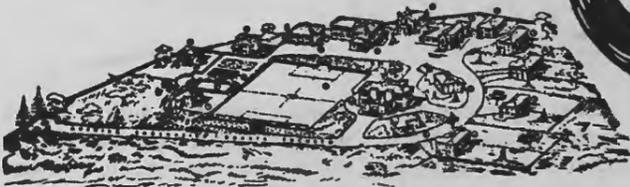
23126



O Gaiato

18 DE MAIO DE 1968

ANO XXV — N.º 631 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENAL
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

PATRIMONIO DOS POBRES



PATRIMÓNIO DOS POBRES DE S. JOÃO DA PÊSQUEIRA.
CASAS INAUGURADAS NO PRINCIPIO DO ANO.

Começo agora a dar volta ao monte de correio que aí se juntou desde a partida para Africa, enquanto Manuel Pinto, meu secretário, mede com muita cautela os nossos voos não vá a gente ganhar lanço... e passar cheques sem cobertura!

Fazendo contas à nossa moda, seria agora uma rica altura de aparecer por cá um recado de Hong-Kong, ou de premiado em sorte grande — um e outro mensageiros do Céu! — com uma grande maquia que nos permitisse acudir a tantos que por nós chamam e a quem, para já, não estamos muito habilitados a dizer: — lá vamos! Tal possibilidade dava-nos asas para despacharmos num abrir e fechar de olhos o grosso lote que aguarda resposta e deixava-nos forças para mais.

O movimento da construção de casas para Pobres não parou, mas evoluiu — e parece-me que em bom sentido.

A Casa do Património, propriamente dito, pertença da Paróquia para o serviço dos seus Indigentes, concentrava mais a nossa atenção. Esta é agora pulverizada pelos multos que renegam o que, comodamente, se rotulava de indigência e descobrem do que são capazes quando sentem sobre si o bafo da fraternidade cristã.

E ei-los, pela mão dos seus Párcos, apresentando o panorama actual da sua forma de residir e contando connosco (isto é, com todos que nos lêem!), para uma ressurreição que se decidem a empreender.

Ora oiçam: «Ela é casada,

Continua na SEGUNDA página



As nossas festas, este ano, em Setúbal e Palmela foram coroadas com uma nota muito simpática e construtiva.

Um grupo de Amigos esperaram os Gaiatos no fim para lhes oferecer um lanche. Os rapazes deliraram! As mesas cheinhas! Foi de comer e trazer para casa! A mim consolou-me muito a transparência do carinho que se manifestava nesta atitude e a alegria deles por se verem correspondidos. Um dos maiores e mais sacrificados na festa exprimia-se: — Já não estamos tão atrás dos do Norte!... Eles querem que a sua cidade corresponda! É um desejo que os nobilita e traduz o amor à sua terra.

Palmela não quis ficar atrás. Os Amigos são assim. Em Palmela fomos recebidos com todo o carinho e dignidade! A Quinta do Anjo esteve presente. O Pároco interessou-se pela festa e esteve connosco!

x x x

O Mário tem sido este ano o chefe dos «batatinhas». Dorme na sua cama na camarata deles. Deita-os. Lava-os. Ensina-os a rezar e a fazer a cama. Leva-os ao café e acompanha-os durante o dia. Os miudos gostam muito do Mário. Agora de onde escrevo observo o Mário com três deles

Continua na SEGUNDA página

Lourenço Marques

A nossa Casa vai aumentando. Chegaram mais dois. Um tem por nome Armando Quefaz. Nascido em Cabo Verde, onde o pai cumpria pena, veio com ele no regresso a esta Província, onde lhe nasceram mais irmãos. Mas como só «de pequenino se torce o pepino», o pai voltou aos maus costumes, sendo as maiores vítimas a mulher e os filhos. Houeram de ser retirados à força pela Administração Civil e enquanto os filhos recolheram ao Hospital, a mãe foi tomada para serviço dum casal de Vicentinos, e o Armando, hoje livre de perigo, continuando embora com injeções e Remifon,

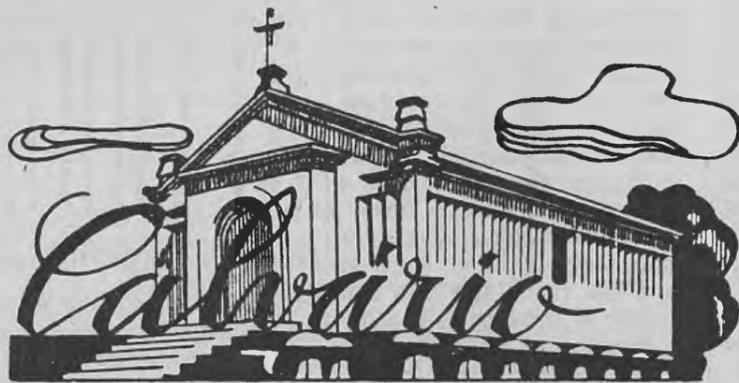
acolheu-se ao nosso amparo, já vai para mais de um mês. Está muito atrasado na fala e enquanto não abriremos a nossa escola, é ele o pequenino pastor do nosso pequeno rebanho.

O outro é o Fernando, filho de pai europeu que honradamente o perfilhou, mas falecido recentemente, e de mãe incógnita, como tantas por esta Província além, que não são esposas dos pais de seus filhos. Este é muito desenvolvido, frequenta a quarta classe primária e veio de Tete.

A família, escola natural da criança, homem de amanhã, uma vez desorganizada, lança na sociedade seres incompletos e por si incapazes de estabelecerem o equilíbrio próprio por nunca o terem experimentado. Estes filhos da desgraça serão amanhã geradores de outros semelhantes a si, se não houver quem lhes dê a mão e os leve a um caminho seguro e bom.

Que felicidade a nossa, colocados no momento oportuno na vida destes rapazes, poder dar-lhes a mão, uma mão aberta e firme que os desviará de todos os perigos que, sôzinhos, não seriam capazes de vencer.

Continua na TERCEIRA página



Por
Padre
Baptista

O problema do nosso Campo Santo continua de pé. Nem vemos bem quando, nem como se há-de solucionar. A lei só permite excepcionalmente o enterramento em locais reservados «a pessoas de determinada categoria». Ora, os Pobres não a têm socialmente. Alguém que se atreva a dar-lha, sujeita-se a perder a sua própria.

De modo que, destinado a

doentes pobres e incuráveis, o Calvário, não tendo facilidades necessárias para sepultar aqueles que vêm para nele findar seus dias, terá que encerrar suas portas?

As entidades que sentirem responsabilidade sobre a conduta penosa daqueles que recolhemos e desejamos recolher no futuro, têm a palavra.

VISITANTES

Vem aí a grande época deles. Já começou mesmo. E neste Maio, por ora tão chuvoso, sucedem-se, até à semana, as excursões escolares e de catequeses paroquiais, que fazem nas nossas Casas estação do seu peregrinar. É um acontecimento muito simpático, que faz parte já da nossa vida. Porém..., «não há be'la sem senão!» São os donativos indiscriminadamente entregues a quem quer que seja e não àqueles que para

tal são semanalmente deputados — os cicerones. Ainda hoje, um dos mais pequenitos, não sendo capaz de vencer a instância de quem lhe queria dar tostões, foi-os deitar fora — e armou-se aí um grande sarilho porque os da mesma igualha acharam despropositada esta fidelidade à ordem de nada aceitar... e não deixam também de ter razão.

E quem diz tostões, diz comida. Mais. No verão os pequenitos têm de passar os domingos fechados, por causa dos desarranjos intestinais das segundas-feiras. É uma violência, mas tem de ser para evitar males maiores!

Pedimos, pois, aos senhores Visitantes atenção a estas cozinhas realidades!



PATRIMONIO

dos Pobres

Cont. da PRIMEIRA página

paralítica das pernas, deslocando-se sempre da choupana onde vivem, e de que pagam 70\$ mensais, num gerico e de uma maneira precaríssima, mas forçadamente, uma vez que ela é quem tem de movimentar tudo na casa, porque o marido tem pouca ou nenhuma iniciativa, ganhando apenas o jornal para os nove filhos.

A casa: tem já 4 paredes com 3 janelas, uma porta exterior e mais nada. Naturalmente, se tiverem de contar só com as próprias possibilidades, ela ficará sem divisão alguma interior, o telhado de telha vã, nada de rebocos, de retrete, de loja... Ficarà uma mansarda, apenas para se libertarem da chuva e de algum frio.

Com auxílios nada podem contar, pois por estes lados o sentimento social da caridade não existe; e mesmo as entidades oficiais (Casa do Povo, Câmara Municipal, Assistência...) nada fazem com o emaranhado da burocracia atazante e asfixiante.

Julgo que comentar é macular. Se não fôra vulgaridade uma comendazinha da Benemerência — quem a merecia mais do que esta Mãe portuguesa de 9 filhos, inválida das pernas, mas não da alma, que «forçadamente» assume a chefia da nu-

merosa família e luta e espera «contra toda a esperança»?

Foi o nosso auxílio, o nosso pequenino auxílio, sem «burocracia atazante e asfixiante»... — um dar de mão, das mãos que vós nos dais! Como eu lhe partiria uma fatia grossa, se fôsse capaz de multiplicar o pão!

O resultado é o mesmo se formos nós a multiplicar-nos na inquietação, na responsabilidade destas situações, das quais a de hoje é apenas um exemplo entre muitos que aqui guardo para outra vez.

E é tempo de pedir também a quem nos dá, que nos liberte de uma certa «burocracia asfixiante» feita de placas e de intenções muito devotas e respeitáveis sim, mas limitantes desta dispersão do bem por essas «terras de heróis, de santos e de mártires» condenados ao esquecimento perpétuo dos seus concidadãos.

Do que nós necessitamos

E depois da tristeza e das trevas que a morte do Senhor provocou, eis de novo o sol da Salvação. O Senhor ressuscitou, alegremo-nos.

E começa o desfile:

3 dólares de Newark, pedindo uma oração. Isabel com 150\$. Aveiro com 100\$. Ass. 14305 com 20 mensais. Família com 20\$. Mais 50\$ do Entroncamento. De uma visita de alunas da Escola Industrial Aurélia de Sousa, 250\$. E 100\$ que foram entregues por intermédio de um filho regressado do Ultramar. «Por alma de Manuel», 50\$. Um cheque de 240\$, de um anónimo de Espinho. Ass. 32322, de Lourenço Marques, com 700\$.

O pessoal do 1.º turno da secção de fiação da Empresa Fabril do Norte, por alma do Administrador dessa Empresa, envia 150\$. Cabeceiras de Basto com 50\$. De Lisboa, «Em sinal de regozijo por uma boa notícia envio-vos essa quantia (500\$00). Uma Amiga dos Gaiatos». De Belazaima do Chão, algumas peças de ouro, em acção de graças ao Senhor. E querida Amiga, Ele é cheio de Misericórdia, e só nos resta confiar.

Várias promessas cumpridas que nos trouxeram: 50\$00 do Porto. 200\$ de A. R.. 50\$ de Sobrena. Do Porto, J. F. com 50\$. De Oliveira de Azemeis, 50\$. Mais 200\$ do Porto. Mais 600\$ de anónima. A capital com 250\$. Tomar com 50\$00. E duas promessas de 150\$00 cada. Uma graça de S. Judas Tadeu, 50\$. E mais 120\$ do Porto. 500\$ de Anónimo e 100\$ de algures.

Do Sr. Manuel da R. da Corticeira, os 40\$ mensais. Mais várias presenças da Amadora,

onde nos vem todos os meses 75\$ em selos de correio. Maria Helena com 50\$. Do Porto, 50\$. De algures, 500\$. Da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, o donativo de 1.500\$. Gulpilhães com 500\$. F. T. F. com 40\$. Amigo, funcionário no B. N. U., com 242\$50. M. L. com 50\$00. Do Grupo «20 Estrelas de S. Lázaro», 520\$00. De Areosa, 20\$00. Sanguinhal com 975\$. Por intermédio dos Viveiros de Castromil, de um seu cliente e de sobra de um pagamento, 15\$. De um aumento de ordenado, 500\$. «Duas Gaiatas» de Santarém, enviam 50\$. «Para o mais pobre dos Pobres», várias presenças que totalizam 800\$00.

Roupas e calção de Gaia. Mais delas da Figueira da Foz. 50\$ do Porto. Livros e revistas de Évora. Do Bairro da Pasteleira 100\$ e 20\$. Anónimo com 200\$. Mais 30\$ do Porto. Em Acção de Graças pelos bons resultados dos exames finais de 3 Marias, 320\$. Rio Tinto com 50\$, 50\$ e 100\$. Mais 100\$ da Invicta. Os 50\$ mensais do sobrevivente do casal R. D., que não falta nunca. Mais uma migalhinha de 20\$, de Luísa. 50\$ de Zé Ninguém que, como costume, não faltou à nossa festa. 100\$ do Porto. E mais o cartãozinho com os 40\$ do costume e a legenda «Obra de Deus, para os Pobres». Amadora com 50\$. De Fátima, um cheque de 10 contos que já foi repartido conforme os desejos de quem o mandou.

Caldas da Rainha com 1.000\$, numa data festiva. 100\$ de Lisboa. Rio Tinto duas vezes com 100\$. Severina com 210\$. Mais 300\$ do Porto. 100\$ de Lisboa, 2 camisolas e uma caixinha

com cartas. Mais roupas da Figueira da Foz. Idem do Porto. E um fato bom de Figueira de Castelo Rodrigo. 30\$00 do Porto. António com presenças de há muitos anos e sempre mensais. De «Uma esposa e Mãe», 50\$. Coimbra com 20\$. De Lisboa, 500\$ «por alma da minha querida Mãezinha». Duas irmãs muito amigas com 50\$. Mais de Lisboa 20\$. E. D. E. com os 20\$ de todos os meses. Anónimo com 50\$ E mais 10 camisolas tirones, por intermédio da gente amiga da Foto Antony, de Penafiel.

Mais a amizade da Avó de Moscovide e suas ofertas de 1.000\$, 50\$ e 50\$. E uma migalhinha de 20\$, «comemorando os meus 44 anos de casada». Que o Senhor os abençoe. Do Grupo Scaba, 70\$. E 600\$ do Porto. Anónimo com 20\$. Da Diamang, Dundo, 100\$. Coimbra com 50\$. Troviscal com 200\$. Ainda de Coimbra, pessoa amiga deixou 10 contos. Donativos de 30\$, 200\$ e 100\$, do Porto. Mais uma promessa de 50\$. Na caixa da nossa Capela, e dentro dum pequeno envelope, 2.012\$00. Anónima com 500\$. Mais um cheque de 2.977\$, de amigo de Linda a Velha. Dos reclusos e funcionários da Colónia Penal de Santa Cruz do Bispo, aquando da nossa visita, 1.183\$50. E o muito que trazemos do Espelho da Moda e que a vossa caridade lá deposita.

Do Curso Unificado de Telescola, Posto n.º 115, em Bela-Monção, 150\$00. E daquele nosso amigo, marítimo, de Rotterdam, 100 florins. De um antigo comissionista da Queima das Fitas de 1965, da Universidade do Porto, 2.000\$00, resto dum dinheiro de umas últimas contas. Gratos e a certeza que vos não esquecemos, bons e fiéis universitários do Porto.

A todos os Amigos que se lembram de nós, que o bom Jesus vos pague.

Manuel Pinto



Auto- Construção

Foi numa repartição pública. Estávamos com pessoas amigas de Auto-Construção. Naturalmente vieram à baila as dificuldades, essas infalíveis dificuldades de quem passa à acção, à vida concreta, real. Auto-Construção não podia fugir à regra, de maneira alguma. Também os amigos costumam, em presença das dificuldades, trazer soluções mais ou menos práticas, mais ou menos

viáveis. Aconteceu assim naquela tarde. Conversa sincera e a certa altura alguém faz-nos a pergunta - sugestão: — E se hipotecasse as casas feitas à Caixa Geral dos Depósitos para que, com um grande empréstimo, pudesse fazer avançar rapidamente Auto-Construção? Creio que sorrimos com o alvitre, aliás de pessoa muito e muito amiga. Auto-Construção não pode hipotecar casas, porque não tem casas. As vivendas construídas são plena propriedade dos Auto-Construtores. Batemo-nos pela propriedade privada. Queremos também que os indivíduos e as famílias sejam proprietários, embora modestos proprietários, o mais cedo possível. Se a propriedade privada tem uma função educadora que ela se exerça quanto artes. Não nos entristece muito marcharmos lentamente. Preferimos até o passo do boi ao salto do galgo. O necessário é que Auto-Construção ande no maior número de localidades. Isso sim. Bem sabemos como esse critério de fazer uma casa e a ir hipotecar, em seguida, para fazer uma segunda está na moda do tempo. Mas para quê? Para que alguém venha herdar uma casa ou umas casas que não estão pagas? Para uma pessoa fazer uma e deixar duas? Não criticamos nem julgamos o critério agora tão seguido. Simples-

SETUBAL

Cont. da PRIMEIRA página

às suas cavalitas! Não sei como se seguram. Nem sei como ele pode. É uma gargalhada enorme contagiante e expansiva que os quatro lançam uns para os outros. E lá vai o Mário feliz com a sua carga, com a sua cruz. Outro dia vim dar com o Mário a trazer o Xico, ao colo, da casa de banho.

— Então?

— Sepacilo o Xico «borrou-se» e tive de o ir lavar.

Mário preparou a água quente, lavou o Xico e num gesto de ternura maternal trazia-o ao colo. Como os miudos não hão-de gostar do Mário?!... Como essa noite me soube bem!

Padre Acílio



Filhos ilegítimos?

A conveniência de conhecer exactamente a posição jurídica da Obra relativamente a esta quinta de Paço de Sousa, que há 25 anos nos foi transmitida, fez-me andar por documentos antigos de que nem sabia e de cuja leitura aproveitei bons momentos. Durante ela me caíram os olhos numa proposta feita em Reunião da extinta Junta de Província sobre o problema dos filhos ilegítimos. O proponente havia visitado todos os estabelecimentos assistenciais da Junta, «onde colheira as melhores informações pela forma como as crianças são tratadas nesses institutos. Todavia não pode deixar de se referir, com bastante mágoa, ao estado confrangedor de algumas crianças recolhidas nos hospícios, que para ali entram, por vezes, quase moribundas». E acrescenta: «É necessário atacar o mal na origem, procurando evitar o desprezo a que são votadas as crianças. É preciso que os pais de filhos ilegítimos tomem a responsabilidade desses inocentes».

«E remata as suas considerações (Há outras, sobre outros temas) por apresentar a seguinte proposta:

— ...Que se represente às estâncias superiores no sentido de facilitar as acções de investigação de paternidade ilegítima, promovidas até pelas entidades oficiais, quando não constar a filiação dos menores, para o efeito de serem pagas

mente não o podemos seguir e, se pudéssemos, não o seguiríamos. Gostaríamos de fugir ao fictício e ainda mais não queríamos complicar a vida seja de quem for. Alguém teria de pagar essas hipotecas e até mesmo para além da nossa actuação e da nossa existência. Certo Presidente da Câmara dizia assim: — Eu contraírei todos, todos os empréstimos que puder e quem vier daqui a quatro anos que se arranje. Não discutimos, mas não perfilhamos. Um outro diz: — A gente deve pedir o mais que puder porque, como a moeda se está sempre a desvalorizar, depois pagaremos sempre menos. Também não discutimos, mas muito menos perfilhamos. Auto-Construção não hipotecará casas. Não. Doutrinaremos, orientaremos, transmitiremos aquela fé que Deus nos deu e nos dá. E o que os amigos depositem, gratuitamente, nas nossas mãos, nós depositaremos, gratuitamente, nas mãos dos nossos trabalhadores em clima de confiança.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

pelos responsáveis as despesas feitas durante o período de gravidez e com o parto; e de se compeliem os mesmos ao sustento e educação dos menores até à idade de 21 anos, e dessa idade em diante, tratando-se de incapazes, não sendo permitida a defesa que se baseia no mau comportamento da mãe».

Ó Céus!, que foi levantar o bom do Dr. Augusto César Pires de Lima naquela assembleia de homens-bons do Douro-Litoral!

Que o problema não era para ali — aliviou um pela linha lateral... Outro manifestou «a sua repulsa pela doutrina que da proposta se poderia estabelecer e, depois de algumas razões por si invocadas, requere que se dê o assunto por discutido».

Outro «intervém igualmente no debate e faz interessantes considerações (?) sobre o assunto».

Outro «diz que tem a mais afectuosa admiração pelas faculdades morais e intelectuais do digno procurador proponente, mas afirma que essa investigação já nos tribunais se facilita bastante; e que a sua sensibilidade, o seu coração, levam-no a debruçar-se sobre todas as desgraças, porém, não vai até ao ponto de transigir com ideias que possam prejudicar o lar da família legitimamente constituída».

E o bom do proponente, depois de já ter explicado «o alcance daquela medida que preconiza na sua proposta», «volta a falar para defender o seu ponto de vista e declara que, com ele, não pretende postergar os direitos da família legitimamente constituída, mas, apesar de tudo, não pode deixar de se revoltar contra o que se passa nos centros citadinos, onde as raparigas da aldeia são seduzidas por vádios que se ufa-

nam do mal que praticam e depois as abandonam com o produto da sua indigna acção. A família das pobres criaturas que vêm da aldeia e são lançadas aqui à prostituição, merecem-lhe tanto respeito ou mais do que a dos sedutores. É preciso e urgente acudir às crianças, obrigando-se os sedutores a cumprir o preceito do Evangelho: não faças aos outros o que não queres que te façam a ti. A sua proposta não ofende a família nem a religião; impõe apenas as responsabilidades nascidas de um

acto, cuja impunidade vai correndo a família e a própria nacionalidade. De resto não se trata de assegurar aos filhos ilegítimos o direito à fortuna deixada pelos pais, mas apenas o direito aos alimentos até aos 21 anos, ou daí em diante, no caso de incapacidade; e as despesas com a gravidez e com o parto das mães».

Isto foi «aos dois dias do mês de Dezembro do ano de mil novecentos e quarenta e dois». Desde então pouco evoluímos: na lei e na mentalidade.

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

Veio-nos hoje à mão o «Notícias» e alguns deles comentaram, a seu modo, as aventuras do Zeca Russo que, há meia dúzia de anos, era da idade dos nossos mais pequenos e foi um como eles, com família desfeita, entregue a si mesmo, a vaguear,

pelas ruas de Lourenço Marques. Hoje a sua cabeça está a prêmio na África do Sul. Movimenta-se quase um exército para dar «caça ao homem» que tanto mal tem feito e continuará a fazer. Só porque em criança, desligado da família, não encontrou a mão amiga que esta Casa hoje tem para dar aos seus iguais de Moçambique. Que felizes nos sentimos por sermos portadores dum esperança para as crianças de ninguém e podermos abrir a porta àqueles que com justiça a demandam!

Que felizes se devem sentir todos aqueles que nos estão ajudando a levantar esta Casa do Gaiato a bem de toda a nossa sociedade de hoje e do futuro!

Padre José Maria

P. S. — A todos os que inteligentemente podem pôr o problema e àqueles que preguiçosamente o têm posto, damos a conhecer que a Obra da Rua ou Obra do Padre Américo, instituição de assistência, declarada de utilidade pública, com sede em Paço de Sousa (Metrópole), está legalmente constituída e tem estatutos aprovados pelo Ministro do Ultramar conforme o Aviso publicado no Boletim Oficial de Moçambique número trinta e sete, 2.ª série, de onze de Setembro de 1965.

Nota da Redacção — Os originaes chegaram cá pouco menos que ilegíveis por causa da máquina de escrever que aqui nos deram à partida para Lourenço Marques e que, à falta de melhor, foi mesmo. Quem se levanta a resolver este pequeno problema?

Visado pela

Comissão de Censura

Aguiar Lisboa

Escrevemos ainda sob o influxo das emoções vividas nas festas anuais, parte já integrante do dia-a-dia das nossas Casas e indispensável compartilhar de sentimentos e de ideias entre os obreiros de dentro e de fora. Não interessam nomes nem pessoas, os «artistas» podem ser mais ou menos felizes, que a todos une o objectivo visível da Obra da Rua: amar. Daí a singularidade destes «encontros» periódicos, humanamente necessários e espiritualmente acalentadores para os responsáveis de dentro e não menos para os de fora de casa, de fora mais pela posição relativa do que pela natureza dos laços estabelecidos. Isto tudo sem esque-

cer o aspecto pedagógico que as festas encerram, fonte de enriquecimento para os protagonistas em palco ou para os apenas presentes nos bastidores.

As cartas recebidas dos mais variados sectores, as impressões colhidas de viva voz ou chegadas até nós por outras vias, atestam a validade do que atrás se diz. Quem assiste pela primeira vez aplaude sem reticências, ficando, talvez, o que se compreende, um pouco na rama das coisas; quem já presenciou vários dos nossos espectáculos faz comparações, emite juízos críticos muito pertinentes e aponta, numa manifestação de interesse pouco comum, os êxitos e os fracassos, como de



«O TRABALHO DO MENINO É POUCO MAS QUEM O DESPREZA É LOUCO», DIZ O RIFÃO...

tarefa de profissionais se tratasse, mas que ao fim e ao cabo revela apenas o conhecimento da medula da Obra e o muito amor que lhe dedica. Se nos regozijamos com os aplausos, não menos apreciamos as sugestões ou os reparos feitos, sempre úteis pela isenção posta ao serviço de uma tarefa que é de todos: «fazer de cada Rapaz um Homem».

x x x

Uma história autêntica, das muitas que encerram os nossos dias de chefes de famílias tão numerosas. Ela contém um pedido, que bem merece ser satisfeito pela ingenuidade do interveniente, catorze anos viçosos e nosso barbeiro privativo, a quem, aliás, nunca oferecemos nada pelo trabalho em busca dos cabelos que já não temos ou dos poucos ainda que orlam o nosso couro cabeludo...

«Tótó», eis o nome de guerra do nosso «Figaro», veio ter connosco ao escritório e pediu-nos nem mais nem menos do que uma «filarmónica». Meio sério, meio sorridente disse-me-lhe que mandasse vir a da povoação vizinha do Zambujal que, para tanto, falaríamos ao nosso Mestre das Obras, elemento da referida. «Que não», respondeu, que só queria uma «filarmónica de beijos, boa». Ora aqui têm os leitores a história autêntica e, por favor, não nos deixem ficar mal, já que o Rapaz, na verdade, tem jeito e os nossos cabelos são poucos...

Padre Luís



Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Apesar de ainda agitados pelo vento da desorganização organizada que as Festas causam em nossa vida, seria omissão imperdoável a falta deste cantinho. Ele é, digamos, um dos meios pelos quais fazemos compartilhar os Amigos dos Pobres, em sua e nossa acção junto deles.

Alegremente, sofremos, ainda, uma pobreza franciscana de disponibilidades! Disponibilidades, aliás, que não temos — pois continuamos a estar verdadeiramente depenados! E a coisa fiou já tão fino, que fomos obrigados a cortar benefícios, o que, valha a verdade, deu uma ótima oportunidade para olhar o nosso trabalho ainda com mais atenção e cuidado — para ser melhor e mais frutuoso o Bem, bem feito.

Aí vai a costumada presença dos Amigos:

Depois da Festa no Teatro S. Pedro, de Espinho, e enquanto ceávamos todos no Colégio S. Luís, colocaram em nossas mãos, discretamente, uma nota de 500\$00. Foram 100\$00 para o Jornal e o resto para a Conferência. Mais 100\$00 da Rua Antero de Quental — Porto. Do Canadá, 260\$00 de Cristina, residente em Vancouver, Regueifas da Padaria S. Romão, de Mouriz. E esta legenda: «Os nossos Pobres que saibam agradecer a Deus por aqueles que algum bem lhes fazem». É o que temos de mais certo, meu caro Zé. Os Pobres jamais se esquecem de nós junto do Senhor. Ainda que todo o mundo se esqueça! Ou não sejam a mais viva presença humana de Cristo padecente, em Seu Corpo Místico de que fazemos parte. Mais 500\$00 de uma Senhora de algures. Vieram em cheque e, segundo Manuel Pinto, couberam esta fatia. O certo é que os lamentos não caem em saco roto! De-

CANTINHO DE POESIA

Amor de filho

*Eu, minha mãe, não sou besouro fútil
Que esquece o aroma duma terna flor
De doce néctar, de corola útil,
De sorte vacilante, sem amor...*

*Não, minha mãe, eu tenho coração...
E nessa flor que o meu amor resume
Vai espontânea e bela a expressão
— Como uma rosa exala o seu perfume.*

*— Erguendo as mãos aos Céus,
Dou graças ao meu Deus!*

*Serenas águas de estranha brancura...
Reflectir nelas vejo o teu semblante:
És entre as mais qual diva criatura
Ao coração deste teu filho amante...*

*Fada sem pátria, o teu clarão materno
É uma auréola de amor e mansidão
Guiando este teu filho para o Eterno
— O corpo, o sangue, a alma, o coração!...*

*E unguido dessa luz cheia de amor,
Transbordada da fé que em ti flori,
Este teu filho, este pecador,
Deixa a malícia... tudo... e sorri!*

*— Erguendo as mãos aos Céus,
Dou graças ao meu Deus!*

*Tu, que tornaste o doce seio em leito
E me embalaste o sono no regaço,
E, cheia de cuidados, a preceito,
Me protegeste em meu primeiro passo;*

*Tu, que segues os anos; tu, a quem
Eu amorosamente sigo o trilho
— Recebe, ó doce fada!, ó minha mãe!,
O meu amor puríssimo de filho.*

Paço de Sousa, Maio de 1968

Santos Silva

PELAS CASAS DO GAIATO

mos graças a Deus. A Ele e a mais ninguém. Mais 10\$00, também de algures. E cinco vezes mais, por uma Missa, da assinante 17740. Agora, uma simpática e oportuna presença de Estrada da Marinha — Leiria: «Sou também vicentina de alma e coração. Li hoje «O Gaiato» e aqui estou a mandar 100\$00 para a Conferência, pedindo uma oração pela minha querida Mãe que já tem 82 anos e adoeceu há dias». Num mundo de egoísmos e facciosismos e capelinhas, esta Vicentina dá uma grande Lição! Meditemos e compreendamos quanto a Lição tem de profundo, nesta Hora de renovação vicentina e cristã. Atenção a Coimbra: «Prometi, pelo Natal, marcar presença por altura da Páscoa. Portanto, aqui estou com uma nota de 500\$00» que, dividida por sua ordem, nos coube 200\$00. Por fim, um singelo bilhete, capeando uma nota de 20\$00: «Vai esta insignificante migalha para os vossos Pobres, pedindo imensa desculpa de ser tão diminuta. As minhas saudações e votos de prosperidades para esse Lar mais querido de Portugal». Delicadeza e simpatia! Pelo remetente reconhecemos que a «insignificante migalha» é oriunda da Rua António Carneiro — Porto. E não há dúvida, acentuamos, que a Invicta marca uma presença muito assídua.

E pronto. Em nome dos nossos Pobres muito obrigado.

Júlio Mendes

oficinas em adiantado estado de construção todos os olhares se vão dirigindo para mais um edifício que vai tornar a Aldeia um pouco mais crescida.

Que Deus nos continue a ajudar neste grande empreendimento que estará um dia concluído para poder transformar um sonho em realidade.

FESTAS — Estamos a atravessar um período muito importante para os nossos Rapazes. Estamos no tempo das festas. É um período muito importante e não menos interessante, não só pela grande responsabilidade que nos cabe diante dos nossos Amigos, mas também porque é nesta altura que começam a surgir as inclinações para a cena, facto este que começa a remexer as cabecinhas dos nossos jovens actores, para serem homens com o verdadeiro sentido da Responsabilidade.

ESCOLA — Principiou mais um período escolar. Depois de duas semanas passadas longe da escola voltámos para concluir mais um ano lectivo que, quando findar, veremos se foi bem ou mal aproveitado. As notas foram mais ou menos fracas. E havia possibilidades de serem melhores. Mas não nos damos a muito esforço! Talvez seja desinteresse, mas oxalá nos arrendamos e que esta falta de interesse não traga complicações no fim do ano.

apaixonado da passarada. Várias vezes tenho notado que o seu grande amor por estas criaturas se não reflecte apenas nas rolas, mas sim noutras espécies, como pardais, pintassilgos, melros, etc.

A rola do Quim morreu! O mito dissolveu-se. Há um reflexo de tristeza. Quem a não há-de ter? É pura naturalidade.

Investiguei a causa da morte. Alguém a matou! Porquê? Não sei. Intuito de entristecer o rapaz, despedido de alguém ou mero prazer em cometer uma façanha desta igualha? No entanto, não sei bem porquê, inclino-me mais para esta última hipótese. Não sou pessimista. É que se vê tanto mal ocasionado pelo pecado da indiferença!

Será feito da bomba atómica? Não sei.

x x x x

A Primavera começou a lançar os seus raios e a malta prepara-se já para a almejada caçada de aves. É uma contínua fadiga: — uns fazem fiskas ou concertam-nas, outros aproveitam as ratoeiras. Perante esta balbúrdia eu relembro ainda aquelas passagens do passado da nossa Casa, em que os estudantes do Lar se uniam, aos domingos, e iam fazer autênticas batidas de pássaros. Ao fim do dia era um belo amontoado. Que alegria!

A segunda-feira, no Lar, era matemática a caldeirada «da série», bem regada com uns copos largos de vinho. Que momentos alegres nós vivemos nesses tempos!

Hoje em dia nota-se já pouco este espírito colectivista. As caçadas vão sendo também menos frequentes. O entusiasmo e a alegria vão-se escoando.

Eu pergunto: Esta euforia terá desaparecido já? Não, não e não. Não pode ser. O tempo que perdemos por vezes desnecessariamente em facetas mais ou menos obscuras, porque não o aproveitamos numa coisa deste género ou em algo que proporcione uns momentos de vibração? Precisamos de algo que toque a alma lá bem fundo, pois isto é próprio da Juventude. Nós, como jovens que somos, precisamos de tomar iniciativas, de «viver a vida». E vivê-la com abundância.

Rogério

TOJAL

Depois duma grande ausência nesta coluna, volto a estar convosco.

PASCOA — Este tempo da Redenção que acabámos de celebrar com bastante seriedade trouxe-nos bastante que meditar. Passámos, também, o Domingo de Páscoa com bifés e frangalhada. Comemos à farta!

OBRAS — A nossa Aldeia vai-se tornando uma realidade. Com as nossas

SETÚBAL

Aproveitando a oportunidade que a última me proporcionou, passo mais uma vez da palavra ao gesto. E continuo a série...

x x x x

Foi num destes domingos últimos que ouvi dizer que a rola do Quim tinha morrido. O Quim é um

Quando esta notícia chegar a teus olhos já o nosso grupo de artistas de colher e picareta andará às voltas com aterros e alicerces. Alegria-te muito connosco e demos graças a Deus por podermos começar.

O sonho que há muitos anos guardávamos começou agora a realizar-se. No dia 13 de Maio começaram as obras para a construção da nossa Casa em Coimbra. Nesse dia juntámo-nos todos à volta do Altar do Senhor.

Já tem 27 anos a história do nosso Lar em Coimbra. Pai Américo começou por um pequenino andar na ladeira dos Lóios. Passado pouco tempo mudou para a Rua da Trindade e por 1946 ocupámos a casa que ainda hoje nos serve, situada na Cumeada (aos Lóios).

Esta casa pertence à Diocese. É uma casa de quinta e nela estiveram vários anos as Carmelitas (incluindo a vidente de Fátima — Lúcia). É uma casa antiga e acanhada, sem condições de adaptação.

Em terreno anexo a esta, terreno que nos foi cedido generosamente pelos nossos Bispos, vai ficar a nossa casa que servirá para futuro Lar. Eis o grande sonho que temos guardado e que hoje te queremos revelar e fazer-te participante activo na sua realização.

Para começar tivemos o terreno, projecto e assistência técnica particulares, tudo gratuito e tudo bem cunhado de espírito cristão. Agora vai ser o teu quinhão: tudo o que seja preciso

para uma casa de 40 pessoas, que tenha condições para formar homens de amanhã.

Uma casa construída com pedra, areia, cimento, tijolo, ferro, madeira, vigamento pré-fabricado, telha, azulejos, louças, vidros, portas e janelas, electricidade, água quente e fria. Tudo o que seja necessário para que no dia de amanhã o rapaz se sinta levado a bendizer a sociedade que o abandonou em pequenino.

Não nos perguntes quanto temos para começar ou quanto vai custar a casa. Isso não é da nossa conta, nem nunca foi modo de realizar obras que Deus quer para Seus filhos. Só te podemos afirmar que começámos como temos feito sempre e como Pai Américo realizou as grandes coisas — com fé, esperança e amor. O resto é contigo e com Deus.

Recebe com alegria e religiosamente esta notícia que é um recado e guarda-o num lugar muito quentinho do teu coração e comunica-o também aos da tua intimidade. E assim, muito, muito unidos, vamos dar as mãos.

Não demores muito a tua resposta, pois eu fico ansiosamente à espera.

Padre Horácio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE